

## REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA PROFESSORA QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO, NO MUNICÍPIO DE AURORA DO PARÁ.

Thaynara Barbosa de Freitas<sup>1</sup>  
Thiago Gonçalves Martins<sup>2</sup>  
Luana Costa Viana Montão<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente estudo aborda a atuação docente na educação quilombola. O objetivo geral foi refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina de português em uma escola pública quilombola de Vila de Santana ressaltando as questões de identidade e cultura afro-brasileira. Como objetivos específicos identificar a percepção da docente sobre práticas pedagógicas que envolvem questões étnico-raciais na educação quilombola; analisar as principais dificuldades vivenciadas pela professora no contexto da educação quilombola destacando a identidade étnico-racial; Indicar estratégias para o enfrentamento dos desafios que permeiam a construção de relações étnico-raciais no ambiente escolar. Para tal finalidade, a pesquisa adotou a abordagem qualitativa, por meio da pesquisa de campo. Elegeu como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. O estudo elegeu como aporte teórico as contribuições de Caldart (2002) e Freire (1970). O relato permitiu observar que dentro da prática pedagógica da professora, a concepção educativa adotada é a interacionista e construtivista, pois preza pela interação entre professor e aluno. Entre as dificuldades encontradas destaca-se a distância enfrentada pelos alunos até chegar à escola pólo e a falta de recursos. As alternativas apontadas pela professora foram criar estratégias como emprestar seu celular e computador possibilitando aos educandos fazerem suas pesquisas e não deixarem de participar das atividades propostas na disciplina de português. Espera-se ao final dessa ação sobre as práticas pedagógicas de identidade étnico-racial desenvolvidas na disciplina de português em uma escola pública quilombola no contexto da educação do campo, ter contribuído para o fortalecimento da identidade positiva de pessoas negras, quebrando o discurso cultural e colonial que apresenta à história de uma forma depreciativa, pois, acredita-se que a educação pode ser um caminho eficiente para fortalecer a sociedade para o enfrentamento, tendo em vista que, a educação muda as pessoas e as pessoas transformam o mundo.

**Palavras-chave:** Prática Pedagógica, Identidade Cultural Negra, Docência no Campo.

### INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a atuação docente na educação quilombola, a partir da prática pedagógica de uma professora que reside na região amazônica onde a escola de educação do/ no campo se localiza. Nesse cenário, este estudo se torna relevante, pois traz discussões sobre

---

<sup>1</sup>Graduanda em Letras Português da Universidade Federal Rural da Amazônia –UFRA, Residente Pedagógica da CAPES, membro do Grupo de pesquisa NEAB GERA Questões Étnico-Raciais. E-mail: [thaynara290330@gmail.com](mailto:thaynara290330@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando em Letras Português da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, Licenciado em Matemática, membro do Grupo de pesquisa Motirô e do Núcleo de Acessibilidade da UFRA. E-mail: [gthiago23.leramaz.ufra@gmail.com](mailto:gthiago23.leramaz.ufra@gmail.com);

<sup>3</sup> ProfessoradoMagistérioSuperiordaUniversidadeFederalRuraldaAmazônia- UFRA, Pedagoga. Doutora em Educação pela UFPA. E-mail: [luana.viana@ufra.edu.br](mailto:luana.viana@ufra.edu.br).

um olhar mais humanizado na adoção de práticas pedagógicas relacionadas a questão da identidade ligada a relações étnico-raciais no ambiente escolar. Partindo da necessidade de que tal temática seja debatida, o estudo em tela traz à tona o enfrentamento do preconceito estruturalmente enraizado na sociedade

Desse modo, destaca-se a pertinência de promover espaços de discussão que favoreçam a consciência e a mudança de comportamento sobre a diversidade identitária e combate ao racismo no contexto da educação básica. Neste sentido, os educadores devem proporcionar o diálogo por meio de ações de intervenção pedagógica para que haja entre os estudantes a reafirmação étnica e identitária das suas origens. Neste contexto, todos os atores sociais da escola e o Estado possuem o dever de possibilitar às crianças e jovens estudantes a oportunidade de refletir sobre as questões étnico-raciais.

Por conseguinte, o objetivo geral foi refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina de português em uma escola pública quilombola de Vila de Santana ressaltando as questões de identidade e cultura afro-brasileira. Como objetivos específicos, pretendeu-se identificar a percepção da docente sobre práticas pedagógicas que envolvem questões étnico-raciais na educação quilombola; analisar as principais dificuldades vivenciadas pela professora no contexto da educação quilombola destacando a identidade étnico-racial; bem como indicar estratégias para o enfrentamento dos desafios que permeiam a construção de relações étnico-raciais no ambiente escolar.

O estudo está organizado da seguinte forma, a saber: o primeiro tópico abordará a metodologia do estudo; o segundo tópico discorre sobre o referencial teórico da pesquisa; o terceiro tópico abrange os resultados e discussão dos dados analisados e as considerações finais trazem os principais achados.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa adotou a abordagem qualitativa, do tipo exploratória, por meio da pesquisa de campo e revisão bibliográfica. Elegeu como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A pesquisa qualitativa, de acordo com Silva e Menezes (2005, p20) aponta que:

[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (Silva e Menezes, 2005, p.20).

A Pesquisa Explicativa é conceituada como: “Aquela pesquisa que têm como preocupação central identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, por que explica a razão, o porquê das coisas.” (Gil,1999, p.44)

A revisão bibliográfica, também conhecida como “de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, artigos etc.” (Lakatos, Marconi, 2003, p.184).

Em relação à entrevista semiestruturada, de acordo com Gil (2002, p.117):

É fácil verificar como, entre todas as técnicas de interrogação, a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. Pode ser, enfim, totalmente estruturada quando se desenvolve a partir de relação fixa de perguntas. Nesse caso, a entrevista confunde-se com o formulário. Nos levantamentos que se valem da entrevista como técnica de coleta de dados, esta assume forma mais ou menos estruturada. Mesmo que as respostas possíveis não sejam fixadas anteriormente, o entrevistador guia-se por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado em folhas próprias. (Gil, 2002, p.117)

Como exposto acima a entrevista semiestruturada é uma técnica muito usada, pois é um instrumento flexível para coleta de dados em pesquisa científica e que ajuda o entrevistador a compreender o fenômeno investigado. Nesse contexto, a entrevista foi eleita como principal instrumento de coleta de dados para compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina de português em uma escola pública quilombola de Vila de Santana, ressaltando as questões de identidade e cultura afro-brasileira.

Neste sentido, a entrevista foi aplicada a uma professora de português de uma escola pública de educação básica localizada em uma comunidade quilombola de Vila de Santana, de Aurora do Pará. Para assegurar as questões éticas a docente aderiu ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo elegeu como aporte teórico as contribuições de Caldart (2002) e Freire (1970).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

No que tange a educação do campo, compreende-se que é necessário conhecer a realidade social das comunidades, as quais fazem parte dessa educação, os sujeitos do campo, “[...] que são vinculados na maioria das vezes, as lutas sociais do Campo. E é por meio do diálogo entre os diferentes personagens sociais que se presencia e almeja a construção de um projeto de ensino da qual seja Do campo e No campo.” (Caldart, 2002, p. 13.).

Ao considerar as peculiaridades da prática pedagógica vivenciada no Quilombo da Vila de Santana, observa-se questões relevantes no relato da professora entrevistada nesta pesquisa, o que vem corroborar com as reflexões de Roseli Caldart (2002) a respeito da necessidade de o docente conhecer a realidade local. No caso em tela, o fato de a docente morar na comunidade bem antes de concluir sua formação pedagógica, e ter vivenciado ali os seus estágios de graduação, contribui para que a docente adquirisse uma prática pedagógica humanizada, na qual direciona o seu olhar sensível para os alunos e para o contexto local.

Essa experiência vivenciada pela docente na educação do campo mencionada antes, pode ser observada quando ela relata sobre o seu primeiro contato com uma escola do Campo, ao dizer que:

“Eh, a minha primeira experiência com a escola de educação do campo foi um ano antes de terminar a minha faculdade, foi atuando na área de estágio e na mesma escola em que eu estagiei, foi a qual eu comecei a trabalhar e na qual hoje atuo. Tivemos aquele primeiro contato de interação, de conhecimento diário, trabalho na mesma, então isso já me fez ter um breve conhecimento de causa, de saber sobre como aconteceu àquela metodologia, quais são os professores. Então, me fez eu me sentir mais em casa e até mesmo mais relaxada do que aquele primeiro impacto, né? De um lugar novo, tudo foi um processo de... de interação social no âmbito escolar.” (Entrevistada, Aurora do Pará, 2023).

Sob essa perspectiva, nota-se como foi importante e necessária, a educadora atuante em uma escolada Rede pública na vila de Santana no estado do Pará, interagir e conhecer a realidade local para que dessa maneira adquirisse uma prática pedagógica humanizada, na qual direciona o seu olhar sensível para atender as demandas educacionais dos alunos dessa comunidade campesina.

Desta forma, um dos elementos primordiais observados é que a professora entrevistada nesta pesquisa teve uma imersão na realidade local, o que influencia sua prática pedagógica. Assim, a sua atuação está intimamente ligada ao modo de vida existente na Vila de Santana, tendo em vista, que assim a docente possui conhecimento dos problemas enfrentados pela comunidade envolvida nessa prática pedagógica.

Ademais, esses problemas enfrentados pela comunidade escolar, pode ser notado no relato a seguir da professora sobre a sua maior dificuldade enfrentada nesse contexto educacional:

Acredito que a maior dificuldade que eu tive, a maior... foi questão de, de localidade, eu trabalho na Vila de Santana e essa Vila, tem outras vilazinhas interligadas a ela, a Vila de Santana é a maior vila, então o público alvo da educação é do quinto ao nono ano e, uma parte desses alunos são da própria Vila de Santana, onde tem uma internet, onde tem professores, onde tem aulas de reforço, onde tem um meio de alcançar alunos que tem uma certa dificuldades. O outro público é de vilas vizinhas, vilas mais distantes, onde muitas vezes, não tem internet, ou a internet é com 1 km de distância, trabalhos de pesquisa fica impossível serem desenvolvidos pela acessibilidade que

uns tem, pois moram na Vila de Santana onde tem maior infraestrutura, que tem internet de qualidade que tem acesso a imprimir algum trabalho de pesquisa, ao contrário dos outros alunos das outras vilas mais distantes, que vem subindo o rio, que passam por dificuldades enormes para acessar á escola, o que muitas vezes, torna-se inacessível a chegada e permanência de boa parte dos estudantes que moram distantes dessa escola.” (Entrevistada, Aurora do Pará, 2023).

Desse modo, a experiência vivida na formação inicial docente proporcionou a esta educadora à compreensão dos obstáculos encontrados na localidade como: a defasagem estrutural do estabelecimento de ensino, carência de material didático e pedagógico, falta de acesso e suporte as Tic's (Tecnologias de informação e comunicação) e as grandes distâncias percorridas pelos estudantes para acessar a instituição de ensino pólo como foi enfatizado no relato da professora entrevistada, são alguns exemplos de dificuldades enfrentadas por estes sujeitos do campo em Aurora do Pará.

Em vista disso, a inserção da professora de português nesse ambiente escolar para realização da prática pedagógica na educação do campo, se deu diante da demanda constatada pela docente. Como veremos a seguir na fala da professora entrevistada sobre a escolha pela docência, quando ela menciona que:

“Eh, confesso que a primeira escolha de curso não foi a área da educação, foi uma área completamente adversa a que eu estou no momento, essa possibilidade de me tornar professora, iniciou com o projeto do *Mais Educação*, projeto do governo, foi que eu vi quão significativo era a educação pra mim; depois dessa experiência de seis meses, eu nunca me vi essa possibilidade de me tornar professor, passei uns tempo longe dos estudos. Eu consegui uma bolsa pelo PROUNI, que me abriu uma possibilidade de trabalhar no curso de letras, de estudar no curso de Letras Libras. Então, isso já me proporcionou uma outra visão com a educação, não só entendendo a realidade dos alunos, mas entendendo a partir de uma outra visão de educação, a educação especial, que me fez ter uma visão mais engajada na educação a partir da diversidade encontrada na Vila de, na qual me fez eu me apaixonar ainda mais pela carreira docente.”(Entrevistada, Aurora do Pará, 2023)

Observa-se a parti desse relato que a imersão da professora no magistério, iniciou-se com sua participação no projeto “Mais Educação” e depois com seu ingresso no curso de Letras Libras, que lhe possibilitou inúmeras vivências com o público alvo da educação especial, do qual foi um divisor de água para que a docente tivesse outro olhar, mais humanístico, sensibilizado com a realidade contextual dos alunos, respeitando e valorizando as diferenças e as diversidades da qual inicialmente a educação especial veio lhe proporciona essa mudança tanto de comportamento quanto de concepção educacional, engajando a educação através de sua prática pedagógica.

Partindo de um conhecimento da realidade local o professor pode traçar estratégias de intervenção pedagógica que estimule nos alunos a reflexão sobre a temática e a mudança

comportamental diante do enfrentamento do preconceito e dos estigmas relacionados à identidade e diversidade étnico-cultural. Neste sentido, a prática pedagógica de instigar, fomentar nos estudantes quilombolas a construção da autoidentidade e do autoconhecimento no contexto das relações étnico-raciais é imprescindível no processo de escolarização da educação básica. Desta forma, vale ressaltar que “um dos primeiros passos é proporcionar espaços que favoreçam a tomada de consciência da nossa própria identidade cultural.” (Candau, 2013, p 26).

A respeito do trabalho a ser desenvolvido no ambiente educacional sobre a construção da identidade cultural Candau (2013, p. 26) salienta que:

Estes exercícios podem ser introduzidos nos primeiros anos da escolarização, orientados a identificar as raízes culturais das famílias, do próprio contexto de vida bairro, comunidades -, valorizando-se as diferentes características e especificidades de cada pessoa e grupo. (Candau 2013, p. 26).

Essa perspectiva vem corroborar com o ponto de vista de Milton Santos (2002) quando aborda o conceito de rugosidade ao tratar de valores, da história e da identidade de um povo transmitidos de geração em geração. Porém, nesse contexto tais fatores são abandonados, esquecidos por um povo, por uma comunidade. Nessa perspectiva, as relações étnico-raciais são consideradas como vivência social do espaço e o conceito de rugosidade surge como chave operacional quando o enfoque é abordar as relações étnico-raciais. Para Santos (2002, p.43):

[...] permite articular passado e presente simultaneamente, tanto na paisagem como nas configurações territoriais. Milton Santos (Idem) usa o conceito de rugosidades em duas perspectivas uma físico-territorial, expressando uma condição material ou forma geográfica remanescente. A outra, sócio-territorial, ou sócio-geográfica, condição social presente, herança do passado, que se manifesta objetiva e subjetivamente no espaço geográfico. Raça, classificação pela cor e racismo relação de poder são parte de um sistema de idéias acumuladas no espaço que adquirem expressão material em movimento solidário e contraditório do passado ao futuro perpetuando desigualdades sociais e materiais. (Santos 2002, p.43)

Observa-se que o conceito de rugosidade se encontra atrelado ao aspecto sócio-territorial ou sócio-geográfico por meio do qual a raça se vincula a cor e ao racismo nas relações de poder. Deste modo, verifica-se a questão da identidade compreendida em uma concepção que considera o passado e o futuro que vem perpetuando desigualdades sociais e materiais que podem ser um dos fatores estruturais que contribui para o movimento de pertencimento de uma etnia e de uma raça, como contexto experienciado. Podemos citar o exemplo da Vila de Santana na qual a discussão sobre a problemática da identidade cultural tem sido secundarizada, abandonada, esquecida sob o risco de invisibilizar as identidades pertencentes às gerações anteriores perante os jovens dessa comunidade.

Paralelamente a questão de identidade, Caldart (2002) traz o ponto de vista das populações do campo sobre essa temática, afirmando que:

**Identidade em transformação:** Neste encontro estamos abertos a transformação: não queremos nos fixar no que já somos; queremos poder ir **desenhando outros traços** em nossa identidade, fruto da síntese cultural a que nos desafiamos em conjunto. (Caldart, 2002, p. 22)

Decerto, como pode ser observado na fala campesina sobre identidade trazida por Caldart (2002) o homem do campo, compreende que as diferenças existem, mas que não querem serem rotulados a uma única coisa ou uma só identidade, querem ter a liberdade de desenharem a sua identidade a partir das interações dos traços culturais construídos ao longo do tempo, a partir da identidade diversa que está em constante transformação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados deste estudo se deu por meio de entrevista semi-estruturada aplicada a um docente de língua portuguesa de uma escola pública quilombola de Vila de Santana. A entrevista enfatizou as práticas pedagógicas desenvolvidas pela docente na disciplina de português a respeito das questões de identidade e cultura afro-brasileira.

Sobre esse viés notou-se que entre as dificuldades encontradas destaca-se a distância enfrentada pelos alunos até chegar à escola pólo e a falta de recursos. As alternativas apontadas pela professora foram criar estratégias como emprestar seu celular e computador possibilitando aos educandos fazerem suas pesquisas e não deixarem de participar das atividades propostas na disciplina de português.

Diante de tal problemática, a entrevistada exemplifica na sua narração as dificuldades enfrentadas:

Embora essas adversidades ainda permaneçam, mas nós temos que nos desdobrar né, fazer com que eles queiram participar, que não venham se frustrar pelas dificuldades, "*professora não dá pra eu fazer isso, **porque eu não tenho internet eu não tenho impressora não vou fazer**" e eu falo não, vai fazer sim, nós vamos te ajudar entendeu, já **entra no meu computador**, quer que eu te ajude pesquisar, **pega meu celular** dá uma olhada." Então, *tudo isso, pra fazer eles terem essa mesma acessibilidade que os outros coleguinhas de uma Vila com os meios para isso tem, para eles terem também;* então foi mais ou menos assim que eu encontrei alternativa para sanar essas dificuldades né, *não só em questão, questão desses meios que eu te falo que eu tenho, mas também sobre as questões da aprendizagem tardia que muitas crianças das vilas vizinhas tem, das de comunidade mais acima do rio tem, eles tem... tem um certo aprendizado, mas não de acordo com as com a escolaridade, com o ano que está cursando é então tem esse...esse desenvolvimento tardio pelos meios e pela dificuldade por ser longe por não ter internet, então, sempre tem vários motivos para que isso não ocorra da melhor maneira, ou seja, isso contribui para que a alfabetização não ocorra.* Grifos nossos. (Entrevistada, Aurora do Pará, 2023).*

Mediante ao exposto, percebe-se pelo relato narrado pela professora entrevistada, que mesmo muitas vezes seus alunos muitas vezes quererem desistir diante das dificuldades encontradas com relação à falta de algum recurso pedagógico e tecnológico, ou até mesmo devido às condições de distâncias que muitos educandos enfrentam para chegar até a escola para ter acesso à educação, a professora ao dialogar, incentivar seus alunos a não desistirem da educação, quando esta ao criar estratégias facilitadoras para que aprendizagem desses estudantes ocorram, por meio de ações de intervenção como ilustra sua fala ao emprestar ao alunos seus equipamentos pessoais, como “*entra no meu computador.*” “*pega meu celular*”, tudo isso como ela mesmo ressalta é: “tudo isso, pra fazer eles terem essa mesma acessibilidade que os outros coleguinhas de uma vila com os meios para isso tem, para eles terem também.”

Deste modo, a partir do relato da professora, percebeu-se que ela adota uma prática pedagógica docente pautada na interação do contexto sócio-histórico-cultural que influencia o desenvolvimento dos indivíduos, ou seja, é a partir das relações adquiridas por meio da interação social é que o sujeito se desenvolve e construir os seus conhecimentos, a partir das etapas do aprendizado, no qual o indivíduo constrói os saberes adquiridos a partir da relação e interação social com seus pares.

Ademais, foi possível observar na fala da Entrevistada, que nessa dinâmica da Educação Campesina promove a partir relações entre Eu com o Outro (seres humanos - natureza - seres humanos), marcadas pelas problematização permanente das culturas, na qual tenta diversificar a partir das estratégias didáticas adotadas um ensino- aprendizagem pautado na valorização identitária da pluralidade cultural e do respeito e reconhecimento as diferenças presente nesta comunidade escolar, pois como afirma Caldart, (2002, p. 22):

As diferenças existentes entre as populações do campo não apagam nossa identidade comum: somos um só povo; somos a parte do povo brasileiro que vive no campo e que historicamente tem sido vítima da opressão e da discriminação, que é econômica, política, cultural. Em nome de nossa identidade comum e destas nossas lutas comuns, não podemos querer apagar nossas diferenças, ignorando identidades e culturas construídas em séculos de história, e através de tantas outras lutas.” (Caldart, 2002, p. 22).

Com base nas reflexões propostas por Roseli Caldart podemos observar no relato da professora a respeito de uma atividade sobre Consciência Negra que muitos alunos desconhecem sua própria história e sua origem. Desta forma, verifica-se uma invisibilidade da sua identidade como sujeito amazônico, como foi ilustrado na fala da docente

[“...] Pois, aí ainda de conhecer pela sua própria história, ainda há aquela valorização cultural né, de conhecer sua própria história, a sua própria origem e trazer aquilo com

uma representatividade e dizer “ eu sou filho e neto de índio, neto de quilombola” que tudo é uma mistura, nossa cultura ela é uma mistura só, então mostrar essa valorização cultural de cada um, regional e cultural.[...]. (Entrevistada, 2023)

Neste contexto, verificou-se que a Professora entrevistada busca superar os desafios e dificuldades desse cenário através do diálogo apontado por Freire (1970, p.91) que este afirma que, “A prática do diálogo favorece a busca de pontos de convergência na diversidade.

Outrossim, é pertinente ainda mencionar que a disparidade no acesso a informação e ao conhecimento é preocupante, pois quem reside na “cidade grande” tem mais possibilidades a este acesso, diferentemente dos que moram distante ao distrito, o que interfere na qualidade e na discrepância da educação oferecida a estes alunos.

Nesse sentido tanto a educação quanto a escola deveria ser:

concebida como um **centro cultural** em que diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes e são produzidas. Não se limita a introduzir na escola as novas tecnologias de informação e comunicação e sim de **dialogar com os processos de mudança cultural**, impactando a formação das identidades. Não se trata somente de uma questão de equipamento técnico e sim de **mutação cultural**. Fazendo a articulação das práticas pedagógicas ao reconhecimento e valorização da diversidade cultural com as questões relativas à igualdade e ao direito a educação como direito de todos .(MONTÃO, 2023,p.51-52).

Mediante ao exposto a partir da entrevista, é possível observar que ainda é preciso pensar em uma educação do/ no campo que levante a bandeira da equidade e qualidade de saberes, na qual independente de distâncias ou fronteiras todos que residem no Campo tenham acesso e oportunidades iguais, sem limitações ou barreiras nesse processo educativo, isto é que a educação possa ser intercultural nas escolas do campo e com enfoque global que afete a cultura escolar como um todo, na qual todos são agentes participativos dessa transformação que se faz por meio da cultura educacional.

Além disso, as questões étnico-raciais são empregadas no contexto de sala de aula, a professora explora sobre essa questão por meio do resgate às identidades afro-brasileiras no ponto de partida dos alunos conhecerem suas histórias e raízes, a escola tem por dever reafirmar as questões de identidade étnico-raciais nos alunos, uma vez que ela é uma instituição importante na vida de todo indivíduo e tem poder de influência para transformar realidades, este dever desta instituição corrobora com o que diz Gomes (2005):

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das



outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2005: 43).

Pode perceber pela fala de Gomes (2005) que a questão do processo identitário entre o grupo social e a questão racial, inicia-se no seio família e cria ramificações e desdobramentos a partir das relações estabelecidas pelo sujeito e a localidade ao qual se insere, pois como vimos no relato da professora, há ainda de conhecer pela sua própria história, há ainda aquela valorização cultural, de conhecer sua própria história, a sua própria origem e trazer aquilo com uma representatividade e dizer " eu sou filho e neto de índio, neto de quilombola" e que isso tudo configura uma mistura entre nossa cultura e as nossa raiz de origem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo abordou a atuação docente na educação quilombola de modo a refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina de português em uma escola pública quilombola de Vila de Santana ressaltando as questões de identidade e cultura afro-brasileira.

A pesquisa de campo aplicou uma entrevista semiestruturada a uma docente de língua portuguesa de uma escola pública na Vila de Santana, localizado em Aurora do Pará. Os dados coletados permitiram verificar que as práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina de português no contexto da educação do campo contribuíram para o fortalecimento da identidade positiva de estudantes negros, quebrando o discurso cultural e colonial que apresenta à história de uma forma depreciativa.

Neste contexto, a educação pode ser um caminho eficiente para fortalecer a sociedade para o enfrentamento do preconceito modificando a cosmo visão das pessoas.

## **REFERÊNCIAS**

CALDART, R. **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Kolling, E. Cerioli, P. Caldart, R (Orgs.). Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

(Coleção Por Uma Educação do Campo).p.22

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. In: Antônio Flavio Moreira, Vera Maria Candau (orgs.). 10. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.p 26.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1970, p.91

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4.ed. - São Paulo :AtlGIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5. ed. SãoPaulo:Atlas S.A,1999, p.44, 117. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social-1989.pdf> Acesso em: 28/10/2023.

GOMES, Nilma Lino. “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão”. In: CAVALHEIRO, Eliane (Org), **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/2003**. Coleção Educação para Todos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; Marconi, Marina Andrade. Fundamentos de metodologia científica.5.ed. São Paulo:Atlas,2003, p.184. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india/view](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view) Acesso em: 23/10/2023.

MONTÃO, Luana. **Educação do campo e Direitos Humanos**: Aulas. 2023. p. 51-52.

SANTOS, Milton. O País distorcido: o Brasil a globalização e a cidadania. Org. Wagner Costa Ribeiro; ensaio Carlos Walter Porto Gonçalves - São Paulo: Publi folha, 2002.p. 43.

SILVA, Edna Lúcia da; Menezes, Estera Muszkat. **Metodologia de pesquisa e elaboracao de teses e dissertacoes**. 4ed.ed. Florianópolis-Santa Catarina: Atual,2005, p.20. Disponível em:[https://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024\\_Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes1.pdf](https://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf) Acessado em: em:26/09/2023.